

7. Perspectivas

A Mata Atlântica é uma floresta extremamente complexa, onde fatores evolutivos, edáficos, climáticos, geomorfológicos, altitudinais e a aleatoriedade se entremeiam de forma indissociável com uma longa, pouco conhecida e diversa história de convivência com populações humanas. É provável que seja, sim, uma história de destruição como sugere Warren Dean (1997) e a maioria dos pesquisadores. Mas não é só. A Mata Atlântica ainda existe, não como era há 10 mil anos atrás (o que ela não seria mesmo na ausência dos seres humanos), o que talvez seja decepcionante para quem busca *the wilderness*, no sentido dado por Nash (2001), mas como paisagem. Se os fragmentos existentes atualmente são sobreviventes de um extermínio em massa, não o são sem que tenham sido alterados no processo.

Embora ainda se conheça pouco deste bioma – de suas espécies, das relações entre elas, sua dinâmica – e também de sua história – que se restringe, infelizmente, à repetição quase anedótica de sua destruição para produção de *commodities* de exportação - pode parecer precoce tentar entender as interrelações entre a sociedade e a natureza, mas é preciso considerar que talvez ambas não possam ser entendidas separadamente.

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação apresenta muitas falhas, incertezas e incompletudes, mas, talvez, essas sejam suas maiores contribuições. Neste trabalho foi usada uma abordagem quantitativa, por ter apresentado resultados bastante razoáveis segundo as análises realizadas, mas a quantificação ainda é uma questão bastante discutida no âmbito da antracologia (e.g. Théry-Parisot et al., 2010). Embora em ambientes temperados tenha sido constatada, por meio de carvoarias experimentais, a validade de uma abordagem quantitativa, seria bastante interessante realizar um experimento semelhante em ambiente tropical, nos moldes de Fabre & Auffray (2002) e Ludemann (2008). Devido à riqueza específica imensamente superior e também a uma variedade muito maior de tipos anatômicos, os resultados poderiam ser diferentes do que foi obtido para florestas temperadas. E com um conhecimento mais balizado da

representatividade desse tipo de sítio arqueológico perante o trecho de floresta do qual é proveniente, seria possível ter resultados mais precisos e comparáveis com a vegetação atual.

Outra limitação é o nível da identificação taxonômica. Embora, potencialmente, seja possível fazer classificações a nível de gênero na maioria dos casos, a identificação pela anatomia da madeira ainda está em seu início. Se muitas espécies permanecem não descritas nos herbários, nas xilotecas esse número é imensamente maior.

Outro procedimento fundamental é a coleta e queima de amostras de madeira (galhos, por exemplo) da região. A coleção de referência (antracoteca) do Museu Nacional é bastante abrangente, principalmente se considerarmos seu curto tempo de existência (por volta de 15 anos) e o pequeno número de pesquisadores envolvido. Mas, para que se possam fazer identificações mais precisas, a nível de gênero, e com a obtenção de um menor número de espécies não identificadas, é necessário uma coleção bem mais completa. A identificação taxonômica pela anatomia da madeira em ambientes tropicais ainda está em uma fase inicial, predominantemente descritiva

Ainda sim, o enorme tempo de identificação também é um limitante. Famílias como Myrtaceae e Lauraceae podem ser identificadas a nível de gênero, mas é preciso gastar um tempo considerável nesta tarefa, que normalmente não está disponível quando é necessária a análise de centenas, por vezes milhares, de fragmentos. O investimento do esforço deve ser pesado em cada trabalho, dependendo do objetivo: uma identificação mais precisa ou a análise de um maior número de fragmentos.

Mas o esforço pode compensar. Mesmo que a produção de carvão tenha tido um papel reduzido em relação à lenha e à agricultura na formação das florestas que existem hoje, seus vestígios podem dizer mais sobre as transformações da paisagem do que os de qualquer outra atividade.